

Obra co-editada com a
FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
José Carlos Souza Trindade

Diretor Presidente
José Castilho Marques Neto

Assessor Editorial
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Conselho Editorial Acadêmico
Antonio Celso Wagner Zanin
Antonio de Pádua Pithon Cyrino
Benedito Antunes
Carlos Erivany Fantinati
Isabel Maria F. R. Loureiro
Ligia M. Vettorato Trevisan
Maria Sueli Parreira de Aruda
Raul Borges Guimarães
Roberto Kraenkel
Rosa Maria Feiteiro Cavalari

Editora Executiva
Chistine Röhrig

PAULO DE SALLES OLIVEIRA
ORGANIZADOR

Metodologia das Ciências Humanas

SEGUNDA EDIÇÃO

Editora
UNESP
FUNDAÇÃO

EDITORA HUCITEC
São Paulo, 2001

X 55686

© Direitos autorais, 1998, da organização e da introdução de Paulo de Salles Oliveira. Direitos de publicação reservados pela Editora Hucitec Ltda., Rua Gil Eanes, 713 – 04601-042 São Paulo, Brasil. Telefones: (11)240-9318; vendas: (11)543-5810; fac-símile: (011)530-5938.

e-mail: hucitec@terra.com.br
home-page: www.hucitec.com.br

Foi feito o depósito legal.

Editoração Eletrônica:
Johannes Christian Bergmann
Rafael Vitzel Corrêa

Ilustração da capa: *Pour saluer Fellini* (detalhe), Roger Somville, 1985.

Co-edição com a
FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP
Praça da Sé, 108 — 01001-900
São Paulo, Brasil.
Telefones: (11)232-7171; fax (11)232-7172

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Sandra Regina Vitzel Corrêa)

O 49 Oliveira, Paulo de Salles
Metodologia das Ciências Humanas / Paulo de Salles Oliveira (organizador).
– São Paulo : Hucitec / UNESP, 1998.

219 p. ; 21 cm. (Paidéia ; 1)
Inclui referências bibliográficas
ISBN 85-271-0465-2

1. Sociologia I. Título II. Série

CDD - 301.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Sociologia: Metodologia: Ciências Humanas 301.2
2. Cultura popular: Cultura de massas 301.2

Para meus tios,
José Antônio Rodrigues Netto (Tijuca)
e Rubens e Therezinha Barison,
com muito afeto.

1232275

SUMÁRIO

- 11 *Yara Maria de Carvalho*
NOTA EDITORIAL
- 13 *Paulo de Salles Oliveira*
APRESENTAÇÃO
- 17 *Paulo de Salles Oliveira*
CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA EM
CIÊNCIAS HUMANAS
- 27 NOTAS SUMÁRIAS SOBRE OS AUTORES
- Émile Durkheim*
AS REGRAS DO MÉTODO SOCIOLÓGICO
- 29 Prefácio
- 31 Prefácio da segunda edição
- 42 Introdução
- Florestan Fernandes*
53 O FOLCLORE DE UMA CIDADE EM MUDANÇA

81	<i>Max Weber</i> A "OBJETIVIDADE" DO CONHECIMENTO NA CIÊNCIA SOCIAL E NA CIÊNCIA POLÍTICA – 1904
139	<i>Sérgio Buarque de Holanda</i> O HOMEM CORDIAL
151	<i>Karl Marx</i> O TRABALHO ALIENADO
165	<i>Marilena Chauí</i> NOTAS SOBRE CULTURA POPULAR
183	<i>José Guilherme Cantor Magnani</i> FESTA NO PEDAÇO. CULTURA POPULAR E LAZER NA CIDADE
189	Proposta de análise e escolha do objeto Questões de método
199	<i>Ecléa Bosi</i> CULTURA DE MASSAS E CULTURA POPULAR. LEITURAS DE OPERÁRIAS
201	Introdução Considerações finais — Cultura operária: uma possibilidade
211	Sobre a cultura das classes pobres

NOTA EDITORIAL

ESTA COLEÇÃO DIRIGE-SE A professores, alunos, gestores, planejadores, formadores de opinião e profissionais do campo de atuação, investigação e produção de conhecimento da Educação Física, do Lazer, da Dança e do Esporte.

Corpo, educação física, jogo, esporte, ginástica, lazer, movimento, música e dança são temas frequentemente tratados de modo isolado e disperso. O que se pretende com o trabalho de seleção de clássicos, ensaios, teses, dissertações e traduções para produção de livros é reunir material sistematizado por profissionais de diferentes áreas — educadores físicos, antropólogos, historiadores, geógrafos, literatos e profissionais da dança, da saúde e do lazer, entre outros, cuja temática privilegie essas artes.

Há duas peculiaridades na coleção que cabe ressaltar: a primeira diz respeito ao próprio nome, Paidéia. O conceito de Paidéia que define e caracteriza a coleção é de origem grega. Para os antigos gregos todas as formas de expressão humana — filosofia, poesia, ginástica, música, retórica, pintura, escultura, artes e ciência — aspiravam, no plano dos princípios, formar e cultivar o Homem. Formação integral é o sentido de Paidéia.

Os gregos encontravam-se regularmente no ginásio para se dedicar ao cultivo do corpo e conversar acerca dos problemas humanos de caráter geral. Surgiu assim uma ginástica do pensamento que logo teve tantos admirado-

res e adeptos como a do corpo, e não tardou a ser reconhecida como uma nova forma de Paidéia.

Só os banquetes se comparam aos ginásios, por seu significado espiritual e pela tradição. Para se ter idéia do que representava esse espaço, as mais famosas escolas filosóficas do mundo antigo — a Academia e o Liceu — têm nomes de dois famosos ginásios de Atenas.

A segunda especificidade da coleção é a parceria inicial — que esperamos duradoura — com a Editora UNESP, hoje considerada uma das melhores editoras universitárias brasileiras.

O primeiro título da coleção, Metodologia das Ciências Humanas, uma coletânea de textos clássicos, sintetiza o teor da empreitada que ora se inicia.

Yara Maria de Carvalho

APRESENTAÇÃO

PAULO DE SALLES OLIVEIRA

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Universidade de São Paulo

ESTA COLETÂNEA foi organizada com base no conteúdo de uma disciplina de pós-graduação, que ministrei na Unicamp entre 1994 e 1996. Destinava-se à discussão de fundamentos teórico-metodológicos das ciências humanas, que pudessem auxiliar mestrandos e doutorandos em estudos do lazer a tomar contato com algumas dentre as principais orientações. Tratou-se, a princípio, de acompanhá-las na formulação de seus fundadores, ou seja, lendo os originais e abstenho-se dos comentaristas, ao menos naquele momento. E também de conhecer textos desenvolvidos por notáveis pesquisadores brasileiros, que fossem de interesse para a área e pudessem, além disso, iluminar a compreensão, localizada historicamente, da utilização destas perspectivas como fundamento de seus estudos. O conhecimento deste elenco de alternativas desenhou-se de modo a realizar com os pós-graduandos um trabalho, ao mesmo tempo, de informação e formação em pesquisa.

Em razão de esta obra ter sido concebida com base em seleção de textos clássicos, estima-se que o estudo dos autores aqui publicados possa reservar preciosos ensinamentos, à medida que o primeiro esforço for tentar entendê-los no sentido mais exato possível de suas idéias para, em seguida, com eles iniciar um diálogo intelectual. Nesta caminhada, será inevitável não enfrentar dificuldades, mas aceitar o desafio da superação pode ser altamente estimulante. Vale a pena atravessar esses momentos, apoiados na calorosa recomendação de Marcel Proust:

“[...] Ler uma bela página antes de se pôr a trabalhar [...] a leitura é para nós

iniciadora, cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar."¹

A coletânea é formada por textos de Durkheim, Weber e Marx, referências basilares das ciências humanas, e por pensadores brasileiros que seguiram singularmente estas formulações: Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda e Marilena Chauí. Complementam-na trabalhos de dois outros pesquisadores, cujos textos são fundamentais para as ciências humanas e em especial para os estudos do lazer, José Guilherme C. Magnani e Ecléa Bosi. Trazem pesquisas de campo originais, que tematizam o universo lúdico, e revelam possibilidades diferentes de enxergá-lo no interior da sociedade brasileira. Amplia-se, assim, o panorama explicativo sem que se tenha a pretensão de esgotá-lo.

Quando discutidos na disciplina mencionada, privilegiou-se o eixo temático das relações entre sujeito e objeto de pesquisa, relacionando a proposta original de autores fundadores de tendências com outros estudos de fôlego, realizados por seguidores brasileiros, também clássicos, cujas pesquisas pudessem ter interesse para quem estuda o universo lúdico. Um arremate final é dado por duas destacadas pesquisas de campo que, embora diferentes e até divergentes entre si, encerram novas possibilidades de entendimento tanto do núcleo orientador da matéria de reflexão quanto do próprio lazer.

A antologia é inaugurada pela proposição durkheimiana de distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa, em nome de uma ciência que postula a ruptura com o senso comum e com as primeiras impressões; que se coloca como habilitada a ordenar o conhecimento através de preceitos lógicos, entendidos como *regras*, e que se orienta no sentido de captar os sinais exteriores aos indivíduos, ou seja, aqueles capazes de exercer influência coercitiva sobre eles — influência essa, em alguns casos, *desejada voluntariamente* por estas mesmas consciências particulares. Esse distanciamento representa, dentro desta orientação, garantia de objetividade, demonstrada a partir do domínio do coletivo sobre o particular e das relações de exterioridade entre a matéria pesquisada e o pesquisador. Seria interessante compreender que a linguagem por vezes dura e imbuída de certezas de Durkheim foi gestada no calor de um fervoroso debate para completar a obra de Comte (1798-1857) e situar a *física social* no concerto intelectual entre as ciências já consagradas. O tom combativo dos escritos pode ocultar ao leitor a sensibilidade deste pesquisador para com dramas sociais vividos pelos trabalhadores àquela época. Nada seria mais injusto, pois se autores renomados nos dias atuais, como Roger Chartier, falam de um *retorno a*

¹ Proust, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. de C. Vogt. Campinas: Pontes, 1989, p. 35. (Grifos meus, PSO.)

*Durkheim*², ao mesmo tempo em que outros se voltam para ele em razão do que consideram a *derrocada dos estados socialistas*, talvez fosse mais adequado reconsiderar que Durkheim sempre esteve presente e deixou um legado considerável de seguidores no mundo todo. Nos Estados Unidos, figuras célebres como Parsons, Merton e Nisbet já o tinham como fonte nos anos 60. Na França, sua obra sempre fundamentou numerosas contribuições, a começar por pessoas próximas, como Marcel Mauss, ou então pelos trabalhos divulgados em *L'Année Sociologique*, periódico que ajudou a fundar. Bem mais tarde, nos anos 70, criou-se o "Grupo de Estudos Durkheimianos", coordenado por Philippe Besnard, iniciativa que se teve repercussão semelhante na Alemanha, na década de 80, sob a coordenação de Werner Gephart³. No Brasil, apenas para exemplificar, já em 1935 Fernando de Azevedo pode ser tomado como referência na numerosa fileira de pesquisadores que viriam a se debruçar sobre a obra de Durkheim, tais como, Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Lucilla Herrmann, José Arthur Giannotti, entre tantos outros. Seria importante salientar que se nos dias de hoje as lições de Durkheim continuam a encontrar ampla ressonância, mérito incontestado de seu valor, a bem dizer elas nunca deixaram de nutrir reflexões acerca dos problemas sociais, nos mais variados contextos.

A coletânea se encerra com Ecléa Bosi, tentando acompanhar o movimento de seu pensar. As primeiras edições do estudo sobre leituras de operárias revelam um encaminhamento teórico-metodológico que, lastreado no pensamento dialético, ganhou outras feições, se aprofundou, radicalizou-se — no sentido etimológico do termo, que aliás é também o eleito por Marx. A autora trabalha com rara sensibilidade e consegue desvendar um novo ângulo da opressão que pesa sobre a classe operária; mostra que ler sob condições tão precárias e adversas, com exigüidade temporal, na já tão apertada semana, e considerando também o tipo de texto que alimenta os circuitos populares de leitura, encoraja antes de mais nada à deserção. Não se satisfaz, porém, com isso e vai além, recobrando a responsabilidade social de todos. Desvendar os problemas, mas vivenciá-los de fora, revela também quanto esta postura pode ser comprometedora para nós. Como enxergá-la de dentro? — este o cerne do problema. Por isso, encerra as *Considerações finais* dizendo que "assumir uma visão operária do mundo é um exercício difícil, [...] um caminho a percorrer."⁴

Essa difícil questão é reelaborada pela autora, a partir da quinta edição⁵ do livro, com o texto *Sobre a cultura das classes pobres*. Dialoga com a proposta de observação participante, pontuando que a simpatia pelos sujeitos é uma atitude importante, mas não basta; seria necessário um trabalho em comum, que neste caso se desenvolveria *entre* aquelas pessoas que vivem a condição operária. Registra que o

² Chartier, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*. São Paulo, 5(11):173-91, jan-abr. de 1991.

³ Rodrigues, José Albertino. Introdução. In: —. (org.) *Durkheim*. Trad. de A. N. Rodrigues. 3.ª ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 37-8.

⁴ Bosi, Ecléa. *Cultura popular e cultura de massas*. Leituras de operárias. 9.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 179.

⁵ Muitas vezes somos avessos e resistimos a aceitar as normas de citação e referências bibliográficas. Neste caso, entretanto, é fácil perceber que a indicação completa, corretamente elaborada, permite acompanhar os desdobramentos do modo de pensar da autora; assim, quem apenas consultasse edições anteriores não iria poder acompanhar. Algo análogo ocorre com os textos de Durkheim, aqui selecionados. Leitores atentos irão perceber como, no prefácio da segunda edição, o autor é levado a dar respostas aos comentários da primeira edição. Ao fazê-lo, aprofunda e esclarece pontos de vista, ajudando-nos a compreender mais nitidamente seu pensamento.

“observador participante dessa condição por algum tempo tem, a qualquer momento, possibilidade de voltar para sua classe, se a situação se tornar difícil”⁶. A proposta então é estabelecer vínculos duradouros entre pesquisador e pesquisados, uma comunidade de destino, que “significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados”⁷.

É necessário reiterar que a reunião de tais estudos, a despeito de sua inegável relevância, não pretende dar conta de todas as possibilidades. Representa tão-somente *um* encaminhamento, entre os múltiplos que se poderia dar, tendo por referência autores clássicos. A menção sumária aos primeiros textos e aos últimos não quer dizer que os demais não mereçam alusão; fosse assim, não estariam aqui. Tampouco se vislumbra um encaminhamento por etapas evolutivas. Nem há linearidade nem a proposta editorial se supõe completa ou mesmo definitiva. Como organizador, não desejo me fazer passar pelo melhor intérprete destes autores; tenho para com eles admiração profunda e espero nesta antologia poder compartilhá-la, mas não gostaria — e nem sequer poderia — suprimir a experiência estimulante e singular do grande encontro que se quer promover: leitores (re)descobrendo fontes, que parecem a todo instante se renovar. Ítalo Calvino é certo quando indica que “nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão”⁸. Recomenda enfaticamente evitar a leitura prévia dos comentaristas de clássicos, pois além do risco de deformações ou simplificações, não auxiliam nosso desenvolvimento como leitores. Ainda mais: privam-nos das surpresas, arrebatam-nos descobertas, furtam-nos sentimentos de encanto e enternecimento e adiam nossa incursão a páginas que nos ajudariam a refletir sobre quem somos e aonde chegamos. Eis por que, diz ele, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”⁹.

Esta nota introdutória não poderia ser concluída sem antes agradecer à professora Yara Maria de Carvalho, coordenadora desta coleção, pela confiança depositada, e também aos amigos, Adalberto e Izabel Marson, professores da Unicamp, e Oswaldo Elias Xidieh, professor aposentado da Unesp, pelas sugestões valiosas e encorajadoras. O mesmo vale para Cecília, sempre por perto deste e de outros trabalhos.

Sou especialmente grato aos autores e, na ausência destes, aos familiares e editores, que concederam licença para publicação dos textos aqui reproduzidos, sem o que este projeto se inviabilizaria. Manteve-se a forma na qual foram apresentados nas edições consultadas.

⁶ Bosi, Ecléa. *Ob. cit.*, p. 14.

⁷ *Ibidem*. Para aprofundar essa questão no pensamento da autora, consultar: *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 3.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁸ Calvino, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. de N. Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 12.

⁹ *Ibidem*, p. 11.

CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

PAULO DE SALLES OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO

QUAL O SENTIDO que se pode emprestar à noção de método? Trata-se de conceito que comporta múltiplas acepções. Nestes casos, sempre é bom começar por um dicionário especializado. Lalande assinala: esforço para atingir um fim, investigação, estudo; caminho pelo qual se chega a um determinado resultado; programa que regula antecipadamente uma seqüência de operações a executar, assinalando certos erros a evitar¹. Método indica, portanto, estrada, via de acesso e, simultaneamente, rumo, discernimento de direção. Concluindo, com as palavras de Marilena Chauí, “*metodos* significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado”².

O método assinala, portanto, um percurso escolhido entre outros possíveis. Não é sempre, porém, que o pesquisador tem consciência de todos os aspectos que envolvem este seu caminhar; nem por isso deixa de assumir um método. Todavia, neste caso, corre muitos riscos de não proceder criteriosa e coerentemente com as premissas teóricas que norteiam seu pensamento. Quer dizer, o método não representa tão-somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com a maior coerência e correção possíveis as questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador. O objeto da metodologia é, então, o de estudar as possibilidades explicativas

¹ Lalande, André. *Vocabulário técnico e científico da filosofia*. Vários tradutores, sob a coordenação de Antônio Manuel Magalhães. Porto: Rés, s.d., 2 v.

² Chauí, Marilena. *Introdução à história da filosofia*. Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 354.

dos diferentes métodos, situando as peculiaridades de cada qual, as diferenças, as divergências, bem como os aspectos em comum.

Exponentes das ciências humanas têm reconhecido que as questões suscitadas pelo método, não obstante sejam extremamente relevantes na pesquisa, nem sempre têm recebido a atenção que mereceriam de alguns pesquisadores. Curioso é notar que esse tipo de desatenção possa estar, de alguma forma, vinculado à prática de se estudar metodologia. Wright Mills constata que:

“Muitos autores instintivamente começam atacando os problemas do método de forma acertada. Mas depois de estudarem metodologia, eles se tornam conscientes de numerosas armadilhas e outros perigos que os esperam. O resultado é que perdem a sua segurança interior e são desviados ou tomam decisões inadequadas.”³

Diante disso, recomenda um cuidado especial aos pesquisadores, o de buscar fundamento nos autores expressivos que semearam o terreno para nós e que, fortalecidos por essa empreitada, cada qual possa ser também seu “próprio teórico e seu próprio metodólogo”⁴. Numa perspectiva ampla, é isso que se dá entre os filósofos, como mostra Marilena Chauí, ressaltando entretanto que, no sentido estrito, “o bom método é aquele que permite conhecer verdadeiramente o maior número de coisas com o menor número de regras”⁵. Mais recentemente, a autora acrescenta que se é verdadeiro que as ciências do homem comportam vários ramos específicos, de acordo com seus objetos e métodos, essa especificidade não deveria inibir aproximações entre as áreas, pois: “[...] as ciências humanas tendem a apresentar resultados mais completos e satisfatórios quando trabalham interdisciplinarmente, de modo a abranger os múltiplos aspectos simultâneos e sucessivos dos fenômenos estudados.”⁶

Assim, feitas estas considerações, espera-se que leitores e pesquisadores, longe de se apartarem da metodologia, dela se aproximem lapidando artesanalmente a construção de seus estudos, sem perder de vista a idéia de totalidade que recobre as ciências humanas.

O ARTESÃO INTELECTUAL

Wright Mills reflete com beleza e mestria sobre este modo de proceder e discorre sobre vários aspectos relevantes: a relação entre o tema de pesquisa e a biografia do pesquisador, a importância de coligir anotações em arquivos, cuidados com o levantamento de dados e a produção de novas fontes, a importância de exercitar a imaginação

criadora, a atenção com a linguagem, recusando a afetação e o hermetismo, além da reabilitação da pesquisa como prática artesanalmente construída. Nada substitui sua leitura⁷ e tentaremos demonstrá-lo, realizando incursão ligeira a estes pontos. Uma questão fundamental se refere às relações entre o tema eleito para pesquisa e a vida do pesquisador. “Os pensadores mais admiráveis” — ensina o autor — “não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra”⁸.

Ademais, promover a consonância entre pesquisa e biografia é altamente estimulante, pois atribui vida ao estudo, retirando da produção intelectual poeiras de artificialismo, que recobrem parte da pesquisa acadêmica ou, senão isso, que acabam contribuindo para a representação social da universidade como redoma, imagem que ainda encontra ressonância no conjunto da sociedade.

Um cuidado, todavia, parece necessário: a reiteração mecânica da experiência pode levar ao conformismo, à reprodução da mesmice diante de situações completamente diversas. Por isso, previne o autor, convém manter uma relação ambígua com a experiência: “ser ao mesmo tempo confiante e cético; essa a marca do trabalhador maduro”⁹. Resumidamente: a incorporação da experiência vivida pode conferir alma à pesquisa, mas ceder às verdades cristalizadas, a fórmulas vulgares, a esquemas reducionistas, mesmo que supostamente didáticos, tudo isso pode trazer o resultado inverso, o da mortificação.

Na elaboração dos arquivos, o autor recomenda não descurar nem mesmo dos minúsculos detalhes, das coisas momentaneamente vagas. Futuras associações criativas podem desvandar nexos hoje não percebidos. Importante também é ser criterioso e absolutamente honesto ao coligir ou ao produzir dados, como no caso das entrevistas, por exemplo. Elas não são feitas apenas com bons roteiros, previamente testados e melhorados, mas com atitudes éticas em relação às pessoas pesquisadas. Voltaremos a este ponto mais adiante, com o auxílio das reflexões de Oswaldo Elias Xidieh.

Bons pesquisadores, esclarece Wright Mills, não se limitam à observância de regras, mesmo porque na maioria das vezes experimentam situações que os manuais não poderiam antecipar. Além do que, pesquisar não se restringe a absorver técnicas e pô-las em prática. O cultivo da capacidade imaginadora separa o técnico do pesquisador; somente a engenhosidade saberá promover a associação de coisas, que não poderíamos sequer intentar pudessem um dia se compor, num dado cenário social. Significa aprimorar a percepção, refinar a sensibilidade, ampliar horizontes de compreensão, comover-se diante de práticas, pequeninas na sua forma, calorosas e desprendidas no seu íntimo.

³ Wright Mills, Charles. *A imaginação sociológica*. Trad. de W. Dutra. 6.ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 135.

⁴ *Ibidem*, p. 134.

⁵ Chauí, Marilena. *Filosofia moderna*. In: Chauí, Marilena et alii. *Primeira filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.77.

⁶ Chauí, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994, p. 277.

⁷ Wright Mills, Charles. *Do artesanato intelectual*. In: ——. *Ob. cit.*, p. 211-43.

⁸ *Ibidem*, p. 211-12.

⁹ *Ibidem*, p. 213.

Nervos sadios, entre tantos outros escritos de Walter Benjamin, exemplifica com inigualável encanto isto que estamos tratando. Refere-se à relação entre a cultura visual e o cotidiano das pessoas, com base em exposição organizada por Ernst Joël. Não objetiva despejar informações aos expectadores na vã tentativa de torná-los especialistas; pretende acionar o interesse dos visitantes para que dali não saiam do mesmo jeito que entraram. Cada proposta está orientada para rechaçar o distanciamento e a indiferença, almejando a conjunção entre arte, conhecimento e vida prática. Donde as surpresas, o aconchego dos cenários e peças, a mobilização elegante e criativa para prender a atenção, sem jamais perder a leveza. Assim, para representar o consumo de um alcoólatra num dado período, que fez ele? “A idéia mais comum seria acomodar um conjunto considerável de garrafas de vinho ou aguardente. Ao invés disso, Joël coloca, ao lado do quadro com a inscrição, um papelzinho todo gasto e dobrado: a conta trimestral da venda”¹⁰.

Coerente com tal encaminhamento, Wright Mills sublinha a necessidade de se perseguir, *sempre que possível*, o emprego da linguagem clara e simples. Não é nada fácil, mesmo porque práticas anteriores consagraram linguagens específicas conforme a área: o psicólogo, o economista, o sociólogo e assim por diante. Entenda-se bem: não se trata de vulgarizar questões e conceitos, mas de sempre se esforçar para enunciá-los com a clareza e *linguagem* simples. Questões complexas podem ter tratamento não-reducionista, usando-se clareza de expressão, de modo a que também se possa *entender* a complexidade em sua plenitude. Escorregar a toda hora para o ininteligível, recorrer a jargões, abusar de estrangeirismos, criar supostas novas semânticas quando uma acomodação criativa talvez fosse possível em português, ou, especialmente, quando tudo isto é feito a pretexto de rigor, como se a produção científica devesse permanecer matéria de apreensão seletiva e assim distinguir com prestígio e mérito a quem a realiza, aí o nó da questão. Fazer um estudo compreensível não é algo que, aprioristicamente, possa ser associado à superficialidade. “Escrever”, ensina Wright Mills, “é pretender a atenção dos leitores”¹¹. Fazê-lo com desembaraço, sem desvios banalizadores, é trabalho de lapidação para a vida toda. Que o digam os literatos!

Todos esses aspectos convergem para a necessidade de o pesquisador se assumir como artesão pertinaz, paciente, atento, sensível e, ao mesmo tempo, despretenso, zelador do consórcio entre teoria e prática, reservando exemplos probantes a cada movimento importante de sua reflexão. As ciências humanas, ao serem exercidas como ofício, permitem que cada pesquisador se sinta parte integrante da tradição clássica, podendo fazer reviver, dentro de nós e entre nós, aquilo que de mais alentador a condição humana pode oferecer.

UM FAZER MUITO ALÉM DAS TÉCNICAS

Não é difícil encontrar quem conceitue método como um conjunto de técnicas, mas isso significaria operar uma enorme redução naquilo que ele pode representar. Método envolve, sim, técnicas que devem estar sintonizadas com aquilo que se propõe; mas, além disso, diz respeito a fundamentos e processos, nos quais se apóia a reflexão. Ao se falar, por exemplo, em método Paulo Freire de aprendizagem, a discussão seria muito redutora se apenas aludisse aos recursos e instrumentos de que se vale para promover a alfabetização; seria necessário ir além para perceber o embasamento teórico, que dá suporte e consistência ao método. De que modo encara a educação? Quais os pressupostos da relação entre educador e educandos? Como tais questões podem interferir na produção do saber? E assim por diante.

A superação do entendimento meramente instrumental da metodologia, como se ela apenas representasse um conjunto de técnicas das quais o pesquisador pudesse dispor, independentemente de suas concepções acerca do mundo e das relações entre sujeito e objeto de pesquisa, reafirma a importância de uma reflexão, capaz de dar conta dos procedimentos pelos quais se constrói uma pesquisa em ciências humanas.

Pesquisar se aprende mediante o próprio fazer, enfatizam os especialistas; nada poderia substituir esta prática¹². Mesmo porque muitas situações inusitadas esperam pelo pesquisador no decorrer dos variados momentos de seu trabalho e, como se deduz, elas *não estão*, e nem sequer poderiam estar, previamente decodificadas em manual algum. Para obter depoimentos na forma de entrevista, por exemplo, como se deveria proceder? Bastaria chegar diante dos sujeitos a serem pesquisados e iniciar, o quanto antes, a entrevista para não tomar tempo nem do entrevistado ou tampouco do pesquisador? Depende. O pesquisador — e somente ele — poderia identificar a dinâmica mais profícua, que resguardasse a integridade da maneira de ser dos sujeitos pesquisados. No estudo da cultura popular, por exemplo, uma referência segura vem de Oswaldo Elias Xidieh. Seu modo de proceder reitera a importância da consideração ao outro. Mostra que há: “[...] um *momento* para a narração. Há uma situação particular em que a história pode ser contada, respeitando-se o contexto cultural do grupo e isso é o que realmente importa para o pesquisador. Se ele souber se situar dentro do contexto estudado, se não recortar a fala dos entrevistados por critérios arbitrários e exteriores e, sobretudo, se não quiser corrigir os depoimentos, saberá distinguir em que momento os sujeitos estudados podem se expressar livremente”¹³.

Em razão disso, vale a pena retomar a colocação de Perseu Abramo, valorizada

¹²Abramo, Perseu. Pesquisa em ciências sociais. In: Hirano, Sedi. (org.) *Pesquisa social, projeto e planejamento*. 2.ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 21-88.

¹³Oliveira, Paulo de Salles. Mestre Xidieh, a cultura do povo e a conaturalidade. *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências*. Marília-SP, número especial (dedicado ao estudo da obra de Oswaldo Elias Xidieh), p. 13-21, 1996. Do próprio Oswaldo Elias Xidieh, consultar: *Narrativas populares*. Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1993, com introdução de Alfredo Bosi; *Semana santa cabocla*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972, além do artigo, *Quadras populares e adjacências*. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 11, n.º 30: p. 309-34, maio-agosto de 1997.

¹⁰Benjamin, Walter. Nervos sadios. In: —. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Vários tradutores. Seleção e introdução de Willi Bolle. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986, p. 179-81.

¹¹Wright Mills, Charles. *Ob. cit.*, p. 235.

pelo acréscimo que lhe fez Gabriel Cohn: “o melhor aprendizado da pesquisa social é fazê-la”; mas, preferencialmente: “fazê-la sabendo-se o que se faz.”¹⁴

CONSTITUIÇÃO E POLITIZAÇÃO DO MÉTODO

O método existe para ajudar a construir uma representação adequada das questões a serem estudadas. Ele foi constituído no âmbito de um movimento cuja origem remonta aos séculos XVI e XVII e que valorizava a capacidade do pensamento racional. Acreditava-se que, pelo uso da razão, seria possível aos homens não só conhecer o mundo mas, além disso, transformá-lo. Esse discernimento que associava a razão dos homens à possibilidade de provocar mudanças na vida social já significava o questionamento do saber diletante e contemplativo. Representava, também, uma cunha na supremacia das interpretações teocêntricas, propugnando a desvinculação da produção do saber da órbita eclesiástica para que ela pudesse se constituir no interior do universo secular. O surgimento das academias laicas trazia, portanto, outra possibilidade interpretativa, buscando explicações para os dramas sociais na própria dimensão humana de existência, sem a interferência dos componentes extraterrenos.

Cuidou-se, então, de construir meios confiáveis para observar, para promover experimentos, bem como para elaborar hipóteses e princípios. O desenvolvimento destes instrumentos foi concomitante ao das técnicas; postulava-se, afinal, uma ciência de intervenção, que fosse atuante na prática e que estivesse, a um só tempo, sintonizada com a expansão capitalista e com o aumento da capacidade produtiva. Ordenar as coisas, sistematizá-las, identificar unidade e diversidade, mensurar, decompor o todo em partes, analisar — eis resumidamente a empreitada que se queria consolidar.

Quem iria operacionalizar o método? A resposta a esta questão põe em evidência a figura do sujeito do conhecimento. Trata-se de alguém com existência corpórea, versado nas habilidades há pouco enunciadas, desejoso de fazer valer sua formação científica para elaborar um saber que não só fosse capaz de dar explicações convincentes sobre determinadas questões sociais mas que, sobretudo, pudesse ser aplicado para interferir no rumo das coisas.

Quando o desenvolvimento metodológico se torna recurso imprescindível para insinuar, estabelecer ou mesmo justificar intervenções modificadoras da sociedade, as relações entre ciência e sociedade se alteram: a produção do saber se consagra como

fonte de poder. Sem perder de vista que esta união entre conhecimento e política se faz, ainda, em meio ao embate travado com as origens teológicas do saber.

Não deixa de ser curioso notar, com Maria Sylvia de Carvalho Franco, que a esse movimento de dessacralização do conhecimento correspondeu a sacralização do trabalho¹⁵. Foram veementemente contestados o exercício contemplativo, o ócio, as festas, as formas de ocupação do tempo economicamente improdutivas, ao mesmo tempo em que se cultuava a disciplina do corpo e do pensamento, a mecanização do corpo pela técnica e o adestramento da mente pelo método. A construção deste modo de pensar foi concomitante à ascensão burguesa e à constituição das bases jurídicas em que se assentou sua emergência como força política preponderante.

Variadas formas de enfrentamento não impediram que o Dezenove assistisse à consolidação do projeto burguês. Política e ciência recebem enfim o reconhecimento generalizado como instrumentos capazes de promover o domínio da natureza e de disciplinar os homens à lógica da produtividade e da acumulação. Estava, pois, definitivamente interiorizado nos homens o relógio moral desta outra dinâmica, como diria Edward Palmer Thompson¹⁶.

Auguste Comte, por sua vez, perseguindo a tarefa de delimitar o espaço da *física social*, estipula na segunda lição do *Curso de filosofia positiva*¹⁷ que o caminho da ciência leva à previsão e daí à ação, compondo a trilogia: saber, prever, agir.

Desde fins do Dezoito, os homens da ciência podem ser considerados como figuras poderosas e dominadoras, capazes de tudo entender e submeter às suas explicações, com o concurso do método. No caso das ciências humanas, porém, um paradoxo se interpõe: afinal é do homem que se trata. Isto quer dizer que o homem se torna, ao mesmo tempo, sujeito e objeto na investigação científica.

Além disso, sendo o sujeito do conhecimento representado pela figura do homem-cientista, ele em tese *pode tudo*, mas, ao exercitar este poder, torna-se prisioneiro de uma situação que, supostamente, é capaz de controlar e, portanto, dominar. Como assim? É que, ao submeter o real ao método — supondo-o neutro e eficiente para desvendar as tramas sociais em sua transparência plena e exata — o sujeito do conhecimento é conduzido a olhar a sociedade como quem a vê de fora, de longe, ostentando olímpica exterioridade. Neste empreendimento, recorta, dissecar, decompõe e manipula o real em partes, desejoso de melhor analisá-lo. Esta prática, aparentemente rigorosa e acética, acaba por mutilar o universo social, imobilizando-o. O mundo social aparece congelado, sem contradições, sem lutas, sem enfrentamentos, sem paradoxos. É a mortificação do objeto. Os homens transformam-se em objetos inertes, tal qual cadáveres, prontos para o exercício científico da anatomia, nas mãos

¹⁴ Cohn, Gabriel. Apresentação. In: Hirano, Sedi (org.) *Ob. cit.*, p. XII.

¹⁵ Franco, Maria Sylvia de Carvalho. *Retórica e método*. Considerações sobre o “progresso da ciência”. Texto mimeografado, novembro de 1980. Da mesma autora, ver também a minuciosa reflexão sobre os fundamentos da ciência e do liberalismo no artigo: *All the world was America*. *Revista da USP*, n.º 17; p. 30-53, março-abril-maio de 1993.

¹⁶ Thompson, Edward Palmer. *Tradicón, revuelta y conciencia de clase*. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Trad. de E. Rodríguez. Barcelona: Crítica, 1979.

¹⁷ Comte, Auguste. Segunda lição. In: —. *Curso de filosofia positiva*. Trad. de J. A. Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 29. (Coleção “Os Pensadores”)

do médico legista ou do patologista. “A bem dizer” — esclarece Claude Lefort — “a ilusão começa quando imaginamos que de um lado há os fatos e de outro a teoria e quando dissimulamos a posição em razão da qual esta divisão aparece. Somos então forçados a descrever o movimento do conhecimento como se nele não tomássemos parte e fixar sua origem de um lado ou do outro.”¹⁸

O estudo de metodologia em ciências humanas necessitaria ser cuidadoso e zelar para que homens concretos, sujeitos e objetos de suas indagações, não fossem mutilados ou, então, não se tornassem objetos mortos nas mãos de cientistas dispostos a fazer da ciência outro poderoso instrumento de dominação. Lucien Febvre se dedicou à questão, que está na base da construção do saber: “O que vós chamais fatos? Que colocaríeis por trás desta pequenina palavra ‘fato’? Pensais que os fatos são dados à história como realidades substanciais, que o tempo enterrou mais ou menos profundamente e que se trata tão simplesmente de desterrar, de limpar e de apresentar em bela estampa a vossos contemporâneos? Ou então retomais à vossa conta a palavra de Berthelot, exaltando a química no dia seguinte ao de seus primeiros triunfos — a química, *sua* química, a única entre todas as ciências, dizia ele orgulhosamente, que fabrica seu objeto. No que Berthelot se enganou. Porque todas as ciências fabricam seu objeto”¹⁹.

É possível promover uma ruptura com estas práticas dominadoras? Sim e não, poderíamos dizer. Se a idéia de ciência social estiver muito vinculada àquela proveniente das ciências dos fenômenos naturais, haverá nítida discordância com estas colocações. Se, ao contrário, o objetivo é ajustar as possibilidades explicativas das ciências humanas aos limites da peculiaridade que existe em se ter, simultaneamente, o homem como sujeito e objeto, a resposta se encaminharia para uma ruptura. Mesmo assim, resta contudo a indagação: como promovê-la?

Vários caminhos são possíveis. Um deles está em estudar e refletir acerca das implicações dos fundamentos teórico-metodológicos que empregamos e assumimos para nós como adequados e convenientes. O leque de possibilidades é variado: passa pelas fontes e as ciladas que escondem para um entendimento que supere as aparências e penetre nas entranhas dos reais interesses em jogo, nas ações dos sujeitos interlocutores numa dada época; pelo processo de produção do conhecimento, ou seja pela transformação dos dados, com a mediação de conceitos, em interpretações de um determinado tema social; pelo âmbito, quer dizer, pela abrangência que se postula para a pesquisa; além, ainda, da reflexão em torno das relações entre sujeito e objeto do conhecimento e as decorrências aí implícitas.

Tendo em vista que nosso direcionamento é refletir no horizonte das ciências

humanas, uma possibilidade fértil pode justamente ser esta, a reavaliação crítica das relações entre sujeito e objeto do conhecimento. Esse trilhar se inicia, segundo indica Marilena Chauí²⁰, pela recusa do autoritarismo da verdade, ou, em outras palavras pela relativização da figura soberana do sujeito do conhecimento, que determinados métodos evidenciam.

PASSEIO DA ALMA NA ESTEIRA DEIXADA PELOS OUTROS

A mesma autora nos lembra, retomando os gregos antigos, que pensar é promover um *passeio da alma*²¹. Como aqui se trata de estudar diferentes propostas teórico-metodológicas, fundamentando-se na leitura, intelecção, discussão e elaboração de associações possíveis, dialogando com autores consagrados, ler é o passo inicial. “Ler” — prossegue ela, em outra formulação — “é aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro. Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão.”²².

Supõe ultrapassar muitas práticas enviesadas, tais como: ler de modo exterior, sem se importar em distinguir as peculiaridades do texto em si; ler pinçando o que interessa, segundo a conveniência do (muito descuidado) leitor; ler de maneira fragmentária, sem recompor o encadeamento das idéias pelas quais um autor constrói seu pensar; ler um texto usando lentes e referenciais estranhos ao autor que o concebeu.

Longe disso, ler implica identificar os significados que o autor confere às questões estudadas. A boa colheita na leitura, explica Alfredo Bosi, está em distinguir e escolher adequadamente os sentidos originalmente propostos.

“A palavra que eu leio (*lego*: colho) na sua ingrata renitência sobre a página do livro desafia-me como a pergunta da Esfinge: a resposta pode variar ao infinito, mas o enigma é sempre o mesmo: *o que eu quero dizer?* Ler é colher tudo quanto vem escrito. Mas, interpretar é eger (*ex-legere*: escolher), na messe de possibilidades semânticas, apenas aquelas que se movem no encaço da questão crucial: o que o texto quer dizer?”²³

Para interpretar, respeitando aquilo que um autor quis realmente dizer, é importante decifrar o enigma do texto: o que diz o autor e, metodologicamente, por que ele o faz deste modo. Esse é um exercício que requer mais que paciência e perseverança. Supõe uma mentalidade alargada, como diria Hannah Arendt, capaz não só de apreender as diferenças entre este ou aquele autor, mas de saber admirar um texto bem

¹⁸ Lefort, Claude. O nascimento da ideologia e do humanismo. In: —. *As formas da história*. Ensaios de antropologia política. Trad. de L. R. S. Fortes e M. Chauí. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 256.

¹⁹ Febvre, Lucien. *Combats pour l'histoire*. 2.^{ème} ed. Paris: Armand Colin, 1965, p. 115-6. (Tradução feita por mim, PSO.)

²⁰ Chauí, Marilena. *Cultura e democracia*. o discurso competente e outras falas. 5.^a ed. São Paulo: Cortez, 1990, p. 3-13.

²¹ Chauí, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994, p. 151.

²² Chauí, Marilena. Os trabalhos da memória. In: Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. 3.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 21.

²³ Bosi, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: —. *Céu, inferno*. Ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988, p. 274 e 275.

concebido, *mesmo que e principalmente quando* não haja concordância com a orientação teórico-metodológica à qual nos filiamos. Prejulgar ou então fugir à verdade inerente ao texto são procedimentos que todos nós pesquisadores precisamos a todo custo evitar. Por isso, é fundamental o trabalho de reconstruir com nossa imaginação o itinerário de construção do pensamento do outro, tratando de não desfigurá-lo. É um encaminhamento de trabalho que respeita a integridade do todo e que, portanto, relativiza o pinçar fragmentado de partes, a compreensão apressada ou mesmo a leitura exterior, que pede ao texto categorias e desenvolvimentos que ele nunca poderia ter, pois jamais fizeram parte dos horizontes do autor que o concebeu. Outro cuidado é com as associações. Em reiteradas vezes, por comodidade, ingenuidade ou por razões inconfessáveis, incorremos no engano de fazer colagens de citações sem respeitar as especificidades do movimento de pensar dos autores. Uma simples e única palavra assume significados inteiramente distintos, harmonizando-se ao contexto em que estiver situada. Por exemplo: Durkheim sublinha a necessidade de se tratar o fato social como *coisa*. Trata-se de algo inteiramente diverso da *coisificação* das relações sociais, que aparece na conceituação marxista. Convém, pois, estar atento às diferenças e identificá-las bem, em vez de tentar escamoteá-las. Um leitor diligente pode, por outro lado, descobrir que mesmo autores de tendências antagônicas alimentam, aqui e ali, pontos em comum. Mas este discernimento só aparece quando há clareza das diferenciações e, portanto, quando já nos mostramos capazes de praticar uma leitura que respeite a interioridade do texto.

Autor algum gostaria de ser entendido em acepções que nunca originalmente foram suas; além disso, parte deles pode nem mais estar neste mundo para poder defender-se. Do mesmo modo, seria desalentador para qualquer estudioso tecer comentários sobre esta ou aquela fonte e ser considerado um mau leitor, seja por distorcer seja por trair o significado que o autor quis imprimir ao seu texto. Para evitar estes e outros tantos dissabores, uma saída é acompanhar atentamente as construções teórico-metodológicas dos textos, mergulhando em sua dinâmica interior. A recompensa virá do próprio exercício em si, que cultiva a ética na construção do saber, e das múltiplas descobertas que o texto, ao menos potencialmente, pode ensejar. Diante de autores que se tornaram referências básicas, como é o caso dos que aqui estão reproduzidos, sempre se pode esperar que suas páginas acolham muitos tesouros. Tal qual ocorre, todavia, na velha fábula lembrada por Walter Benjamin²⁴, a bênção de encontrá-los não poderia estar em consumi-los. E sim em desvendá-los no exercício de um *trabalho* silente, atento, perseverante, engenhoso e, por isso mesmo, quem sabe até divertido.

²⁴ Benjamin, Walter. Experiência e pobreza. In: ——. *Ob. cit.*, p. 195.

NOTAS SUMÁRIAS SOBRE OS AUTORES

ÉMILE DURKHEIM. Nasceu na França em 1858 e faleceu em 1917. Entre seus textos mais conhecidos estão: *A divisão do trabalho social* (1893), *As regras do método sociológico* (1895), *O suicídio* (1897), *As formas elementares da vida religiosa* (1912), *Educação e sociologia* (1922), *Sociologia e filosofia* (1925), *O socialismo* (1928), *Montesquieu e Rousseau, precursores da sociologia* (1953).

FLORESTAN FERNANDES. Nasceu em São Paulo em 1920 e faleceu na mesma cidade em 1995. Publicou numerosos livros, entre eles: *A organização social dos tupinambás* (1949), *A função social da guerra na sociedade tupinambá* (1952), *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1959), *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo* (1961), *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* (1968), *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973), *A revolução burguesa no Brasil* (1975), *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana* (1979), *A ditadura em questão* (1982).

MAX WEBER. Nasceu na Alemanha em 1864 e faleceu em 1920. Suas publicações incluem: *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1906), *Economia e sociedade* (1922), além de vários escritos, como os *Ensaios de sociologia*, organizados por C. Wright Mills e Hans H. Gerth, com tradução brasileira revisada por Fernando Henrique Cardoso, e *Metodologia das ciências sociais*, em dois volumes, com tradução brasileira de Augustin Wernet.

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA. Nasceu em São Paulo em 1902 e faleceu em 1982. Foi professor da USP, dirigiu o Museu Paulista (mais conhecido como *Museu do Ipiranga*) e o Instituto de Estudos Brasileiros. Publicou, entre outros: *Raízes do Brasil*